

ORAÇÃO NO FUNERAL DO DOUTOR JOSÉ JOAQUIM TEIXEIRA RIBEIRO
(9 de Março de 1997)
(Boletim da Faculdade de Direito, Vol. LXXIII, 1997, 283-287)

Minha Querida Maria José
e demais familiares do Senhor Doutor Teixeira Ribeiro
Senhor Reitor da Universidade de Coimbra
Caros Colegas
Minhas Senhoras e meus Senhores

Uma primeira palavra para o Senhor Presidente da República, que quis estar com a nossa Faculdade e com a Família do Doutor Teixeira Ribeiro nesta hora de dor, fazendo-se representar pelo seu Chefe de Gabinete, Dr. Lídio de Magalhães - ele próprio aluno do Mestre que hoje nos deixa -, na velada do corpo que decorreu na Capela da Universidade de Coimbra.

Outra palavra para agradecer também à Faculdade de Direito de Lisboa, que esteve na Capela da Universidade de Coimbra representada pelo Presidente do seu Conselho Científico, Doutor Paulo de Pitta e Cunha, e pelo Doutor Eduardo Paz Ferreira, em representação do Presidente do Conselho Directivo, Doutor Jorge Miranda, impossibilitado de estar presente pessoalmente.

Idêntico agradecimento é devido ao Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Doutor Carlos Sá Furtado.

Entrei para a Faculdade por proposta do Doutor Teixeira Ribeiro. Com ele convivi, quase diariamente, durante mais de 30 anos. Devo-lhe atenções que nunca pagarei. Mas devo-lhe, sobretudo, a generosidade do Professor que jamais regateou o tempo para me ouvir, a dádiva do Amigo que nunca me faltou com o seu apoio e a sua confiança, a lição do Mestre que sempre reconheceu a minha independência e sempre aceitou a minha frontalidade. Compreenderão, por isso, que muitas razões - para além das que decorrem das funções que agora desempenho na Direcção da Faculdade - me levam a desejar ser capaz de traçar aqui o retrato fiel do Mestre, à altura dos seus méritos.

Sei bem que me falta o talento para tanto. Mas sei também que, durante as horas em que ontem à noite e hoje de manhã tentei ordenar algumas ideias para esta intervenção, uma estranha paralisia me impediu de estruturar o discurso, apesar dos torturados esforços que pus nessa tarefa.

Esta será, pois, uma fala de palavras simples, fiel, ao menos neste aspecto, ao nosso Doutor Teixeira Ribeiro, que foi um homem simples que quis viver e que viveu sempre a sua vida, assumindo-se, democraticamente, como um homem comum, como um homem igual aos outros.

Não é, porém, para falar das minhas relações com o Mestre que tomo a palavra nesta cerimónia. Faço-o na qualidade de Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito de Coimbra, Escola que Teixeira Ribeiro honrou, prestigiou e respeitou como poucos, Escola que sempre o distinguiu, como aluno e como professor, ao longo de mais de setenta anos.

Enquanto estudante, a sua inteligência, a sua capacidade de trabalho, a sua cultura invulgar, a frontalidade com que defendia as suas ideias, foram reconhecidas e apreciadas pelos colegas, que o elegeram seu representante no Senado, e foram premiadas pelos Mestres, que sempre lhe atribuíram as mais elevadas classificações, ao longo de todo o Curso de Licenciatura, que terminou com brilhantismo em 1931.

Três anos depois, concluiu o doutoramento em Ciências Económicas com a classificação máxima (*suma cum laude*). Tinha 26 anos e iniciava assim a carreira universitária, que cumpriu, quase ininterruptamente, durante 44 anos de um magistério que deixou marcas positivas em sucessivas gerações de estudantes que tiveram o privilégio de ouvir as suas aulas e de estudar pelas suas Lições, adoptadas também nas melhores Escolas de Economia e de Finanças do nosso País.

A sua competência, a sua exemplar honestidade intelectual, a clareza inexcelsível das suas aulas, o estilo sóbrio mas rigoroso e vivo, e a capacidade de síntese dos seus escritos, a sua presença contínua na vida universitária, em todos os planos, fizeram de Teixeira Ribeiro um dos mais respeitados professores da Universidade portuguesa e um dos que mais contribuíram para a modernização do ensino e da investigação das Ciências Económicas em Portugal.

Ser professor foi para Teixeira Ribeiro uma vocação e uma opção. Mas Teixeira Ribeiro não concebia o professor separado do investigador. Creio que a investigação foi a maior paixão deste Professor que introduziu em Portugal a investigação da Economia teórica e o ensino da Economia teórica. A paixão de toda uma vida de trabalho, que se prolongou quase até ao último minuto da existência. Trabalhador infatigável, acreditava nas virtudes do trabalho e fez do trabalho a sua religião.

No passado dia 4 tive a oportunidade de o visitar em sua casa, na companhia de dois amigos comuns. Lá estava, no seu escritório. A trabalhar, como sempre. Eram sete horas da tarde. Repetiu várias vezes que sentia estar próximo do fim. Também a este respeito ele sabia do que falava.

No volume do *Boletim de Ciências Económicas* que se encontra no prelo sairá um artigo seu sobre os *Bens de Mérito* e que, por modéstia do autor, será incluído como simples *Nota*.

Encontra-se também no prelo um comentário que terminou há pouco para a *Revista de Legislação e de Jurisprudência*.

Teixeira Ribeiro foi, durante décadas, Redactor e colaborador assíduo da Revista de Legislação e de Jurisprudência, da qual foi Director durante vários anos, depois de 1970.

Fundou, em 1952, o *Boletim de Ciências Económicas*, revista que dirigiu e prestigiou até há 2 anos, quando tomou a decisão - de que ninguém o conseguiu demover - de passar a um colega mais novo a direcção do seu *Boletim*.

Foi, durante décadas, membro da Comissão de Redacção do *Boletim da Faculdade de Direito*.

Foi membro do Conselho de Redacção da *Revista de Direito e de Estudos Sociais*.

Foi Presidente do Centro de Estudos Económicos do INE.

Foi Presidente da Comissão de Reforma Fiscal, nos anos 60.

Foi Membro da Secção de Estudos Económicos da Associação Industrial Portuguesa.

Foi Vogal do Conselho Superior da Indústria.

Foi Director do Centro de Estudos Económicos-Corporativos do Instituto de Alta Cultura.

Foi Membro da Academia de Ciências de Lisboa, da Associação Fiscal Portuguesa, da American Economic Association, do Institut International de Finances Publiques, da International Fiscal Association.

Depois da Revolução de Abril - que viveu com tanta juventude, com tanta alegria e com tanto entusiasmo -, foi membro do Conselho de Estado (1974/75) e foi Vice-Primeiro Ministro no último Governo presidido por Vasco Gonçalves.

Teixeira Ribeiro foi, pois, um homem interveniente no seu tempo e no espaço em que decorreu a sua vida. Foi isto tudo e foi muito mais. Interessado, desde a juventude, pelo destino colectivo do seu povo e do seu País, nunca foi um militante político, mas nunca escondeu que não era simpatizante do Estado Novo, e nunca negou o ideário socialista. Orgulhava-se de ter recusado, juntamente com Manuel de Andrade, oferecer um dia do seu salário para ajudar os franquistas que combatiam pelas armas o governo legítimo de Espanha.

Em 1991 resolveu reunir em livro - a que chamou *Sobre o Socialismo* - quatro estudos seus sobre este tema, publicados ao longo de 30 anos: o 1º (o belo ensaio *Capitalismo e Socialismo em um Mundo Só*), de 1960; o último, de 1991, sobre a *eficiência da economia socialista*, já posterior ao colapso das experiências socialistas na Europa Central e de Leste e na União Soviética. Fê-lo - como ele próprio me confidenciou - para deixar, de modo visível, o legado das suas ideias.

Ele foi, em muitos aspectos, *homem de um só rosto e de uma só fé, de antes quebrar que torcer*. Não foi, com certeza, *homem da côrte*. Homem austero, por vezes rígido, cometeu por certo injustiças, como todos os justos.

Nunca foi homem de buscar consensos fáceis e sempre recusou a glória vã a que se chega pela demagogia. Tinha o culto da franqueza, como ele próprio escreveu no *Prefácio* a um livro de Vasco Gonçalves e, em nome dela, terá sido algumas vezes excessivo.

Mas creio que Teixeira Ribeiro foi, acima de tudo, Professor e Universitário. Professor Catedrático desde 1935 (aos 27 anos!), o Doutor Teixeira Ribeiro foi Secretário da Faculdade, foi Professor Bibliotecário, foi seu Director na qualidade de Decano. Logo após o 25 de Abril, o seu nome surgiu, com toda a naturalidade, como Reitor da Universidade de Coimbra. Mas Teixeira Ribeiro foi, como poucos, um Mestre de todos os dias, respeitado por todos, mesmo quando dele discordávamos. Porque todos admirávamos nele a sua entrega total à Universidade, a sua probidade como investigador, a sua preocupação em chegar sempre à verdade, a sua busca, torturada, da justiça, sobretudo quando tinha de julgar os seus alunos. Por tudo isto, Teixeira Ribeiro foi um Professor incontestado.

Estou certo de que esta não será a última homenagem que lhe prestaremos. Mas estou certo também de que nada lhe agradaria mais ouvir neste momento do que aquilo que aqui lhe digo, em nome de todos os que aqui estão e em nome dos muitos mais que aqui

não puderam estar. Todos sentimos que, de uma forma ou de outra, fomos e somos seus alunos. Todos lhe devemos o privilégio de o ter tido como Mestre. Todos lhe estamos gratos por trazerem connosco, no espírito ou no coração, algo de si.

Bem haja, Senhor Doutor Teixeira Ribeiro. Até sempre!

ORAÇÃO NO FUNERAL DO DOUTOR ORLANDO DE CARVALHO

(27 de Março de 2000)

(Boletim da Faculdade de Direito, Vol. LXXVI, 2000, 581-588)

Má sorte a minha que me impõe a violência de ter de falar aqui, neste momento, perante o corpo de um Homem de quem fui amigo durante quarenta anos. Ao perdê-lo, é como se perdesse quarenta anos da minha vida, uma boa parte de mim mesmo.

Apetecia-me o silêncio. Apetecia-me ficar só, entre tantos amigos comuns, vendo, em câmara lenta, o filme desses quarenta anos, quase uma retrospectiva da minha própria vida.

Recebida a notícia da sua morte, passados os momentos do choque, dei-me conta de que devia pensar no que viria hoje dizer aqui.

Sentei-me à mesa e olhei o papel. Durante muito tempo, assim fiquei, atordoado, sem saber o que fazer. A certa altura, não sei porquê, levantei-me da mesa e fui procurar os seus livros de poesia. Reli-os mais uma vez, como se aqueles versos fossem o ar que respirava. Foi, talvez, a maneira mais fácil e mais bela de conversar como o Homem e com o Poeta e de recordar, nas suas próprias palavras, uma das coisas que com ele aprendi: “um poeta não é neutral. Eu não sou neutral”.

E pronto. Não tenho outro remédio senão falar, ainda por cima carregando o peso de saber que as minhas pobres palavras ficarão muito longe das que ele saberia dizer se lhe coubesse honrar alguém como eu gostaria de o honrar a ele, hoje, aqui, neste momento de despedida.

Intervindo aqui como Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito de Coimbra, não vou falar, naturalmente, do meu Amigo, cuja amizade dolorosamente perdi nos últimos anos da sua vida, apesar de, pela minha parte, sempre ter honrado a amizade e a consideração que nunca lhe neguei. Mesmo quando dele discordei - e como me doeu fazê-lo, sempre que as circunstâncias o impuseram —, sempre o fiz com inteira lealdade, por respeito para com ele e em homenagem ao que com ele aprendi.

Estou certo de que todos aqueles que foram — e hei-de continuar a ser — seus amigos autênticos partilharão comigo a dor terrível de termos assistido à solidão amargurada em que viveu estes últimos anos sem lhe podermos minorar o sofrimento, integrando-o plenamente no nosso convívio intelectual e, sobretudo, no nosso espaço afectivo, como nosso companheiro, nosso camarada, nosso Mestre, nosso Amigo.

Pessoalmente, sofrerei sempre a desgraça de não ter podido acompanhar estes

tempos tristes do outono da sua vida, como tive a oportunidade de fazer com o seu pai, de quem guardo a lembrança de um Homem inteiro, inteligente e sensível, honrado e bom.

Quem foi Orlando de Carvalho?

Foi, sem dúvida, uma das pessoas mais inteligentes e mais geniais que conheci. Foi, sem dúvida, uma das pessoas que mais admirei e mais respeitei desde que me reconheço como adulto.

Homem de excepcionais qualidades, não foi imune a fraquezas e defeitos. Ninguém esperaria que eu viesse aqui falar das suas fraquezas e dos seus defeitos. Mas creio que não devo calá-los neste momento: porque tal equivaleria a negar a humanidade a este Homem, que quis viver a sua vida como homem, por mais que alguns de nós o endeusássemos; porque tal significaria fazer eu aquilo que ele tanto detestava: praticar, perante os mortos, a louvaminhice hipócrita. Seria uma afronta intolerável à sua memória, nesta hora da verdade, em que só a verdade é consentida.

Em versos seus, diz ele: “Tive alma de montanha e de condor”.

E eu diria que esta montanha que ele foi atingiu muitas vezes os mais elevados cumes do Everest. Mas ele próprio nos diz, com o rigor que lhe conhecemos: “Fui a virtude e fui pecado e crime”.

“De muitos gostos se fez e faz o meu gosto de viver” — são palavras de Orlando de Carvalho, que dizem lapidarmente o que foi a personalidade riquíssima deste Mestre inesquecível. Desses muitos gostos nos dá conta no prefácio a um livro seu, editado em 1998, num texto que é uma obra-prima como auto-retrato deste Homem de talento multifacetado, que exerceu na literatura, na música, no cinema, no teatro, no ensaio, na ciência jurídica, na docência. “Sou basicamente um homem de letras. Fui para Direito por cedência e tive a desgraça de ser bom aluno. Se assim não tivesse acontecido, seria hoje certamente um diplomata e faria poemas”.

Sirvo-me, mais uma vez, de palavras suas, desta vez falando-nos do que gostaria que tivesse sido a sua vida. Diria que a desgraça de ser bom aluno — com a consequente opção por uma carreira universitária — o teria marcado qualquer que tivesse sido o curso seguido. E, afinal, foi um jurista de excepção. Só não foi diplomata de carreira. Mas foi um requintado homem de letras. E fez poemas, e poemas de primeira égua, para utilizar uma expressão que lhe era tão cara. Como ele próprio nos confessa, sempre recebeu ser “muito bom jurista para poeta e muito bom poeta para jurista”. Modéstia sua, Doutor

Orlando, creio que modéstia autêntica, e excessiva modéstia, apesar de pensar — espero que concorde comigo — que o senhor entendia não ser a modéstia uma virtude que devêssemos levar muito a sério.

A verdade é que o senhor foi, reconhecidamente, muito bom jurista e muito bom poeta, para proveito dos juristas que o estudam e consigo aprendem e para deleite de quantos lêem a sua poesia e com ela se enriquecem.

Orlando de Carvalho nasceu aqui, em Santa Marinha do Zêzere, no dia 1 de Dezembro de 1926.

Concluído o ensino secundário no Porto, matriculou-se como aluno da Faculdade de Direito de Coimbra em Outubro de 1943, vindo a concluir a Licenciatura em Ciências Histórico-Jurídicas em 1948, com a classificação de 18 valores, tendo concluído em 1949 a Licenciatura em Ciências Político-Económicas, também com 18 valores.

Contratado logo em 1948 como assistente do Grupo de Ciências Políticas, foi suspenso do serviço docente em 1949 por motivos políticos.

Por pressão da Faculdade, em especial do seu amigo Doutor Afonso Queiró, retomou o serviço docente em 1950, mas agora no Grupo de Ciências-Jurídicas.

Estudou em Roma e em Colónia, tendo-se doutorado na Faculdade de Direito de Coimbra em 1968 com a classificação de Muito Bom com Distinção e Louvor. Após vários meses de espera — mais uma vez por razões de ordem política —, foi contratado como Professor Auxiliar em Setembro de 1968, reiniciando então a carreira docente, que só interromperia, logo a seguir à Revolução de Abril, durante o período em que exerceu funções governamentais como Secretário de Estado da Reforma Educativa (de início de Maio a fins de Julho de 1974). Em 1977, na sequência de concurso público, foi nomeado professor catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra.

Ainda antes do 25 de Abril, foi representante dos professores auxiliares no Senado (de 1970 a 1973), tendo-se oposto, com a coragem e o vigor que eram seu timbre, às medidas repressivas tomadas contra os estudantes mais activos nas crises académicas que marcaram aquele período da vida coimbrã.

Após a Revolução dos Cravos — para a qual tanto contribuiu, ele que, na Universidade, foi Abril antes de Abril, como já uma vez disse em público no exercício das funções que hoje desempenho —, fez parte da primeira Comissão de Gestão da sua Faculdade, onde foi depois Presidente do Conselho Científico-Pedagógico (de 1974 a 1976), Presidente do Conselho Pedagógico (em 1986/87), Presidente do Conselho

Directivo (de 1987 a 1995) e Presidente do Conselho Científico (de 1995 a 1997).

O Doutor Orlando de Carvalho foi um professor de excepcional brilho, todos reconhecendo nele a chama do génio e dotes de oratória que muito raramente se encontram. As suas aulas maravilharam sucessivas gerações de alunos, que assim compensava do alto nível de exigência que punha na avaliação de conhecimentos.

Quantas vezes alguns de nos lamentámos que a dispersão pelos seus múltiplos centros de interesse não lhe deixasse o tempo necessário para escrever mais sobre os temas da sua investigação como jurista. E, no entanto, feito o balanço, ele deixou-nos milhares de páginas escritas sobre temas de Direito Civil, de Direito Comercial, de Direito das Coisas, de Direito Administrativo e de Direito Constitucional, de Direito do Trabalho, de Direito das Empresas, de Teoria do Direito. São trabalhos que abrangem vários ramos do Direito, trabalhos que muitas vezes abriram novos caminhos à investigação e inspiraram a reflexão de outros, sempre iluminados pela sua cultura humanista e pela sua inteligência criadora, sempre escritos numa linguagem rigorosa, primorosamente trabalhada, de apurado gosto literário.

Orlando de Carvalho foi professor dentro das salas de aula da sua Faculdade e de outras várias, em Portugal e no estrangeiro, nas quais deu aulas e proferiu conferências. Mas foi também um inigualável professor em muitos outros espaços onde ofereceu o seu saber multifacetado, os seus dotes literários, os seus conhecimentos artísticos e onde, sobretudo, ensinou e praticou o exercício da cidadania.

Ainda estudante, Orlando de Carvalho foi membro da Direcção do CADC (1944-45), foi dirigente da revista *Estudos* desse organismo católico (1946-47) e foi redactor da *Via Latina* (órgão da AAC).

Após a licenciatura, foi Presidente do *Clube de Cinema de Coimbra* (1959-63 e 1967-69), organismo em que exerceu uma notável acção cultural; fez parte do grupo fundador da revista *O Tempo e o Modo* e colaborou durante anos na revista *Vértice*.

Mas Orlando de Carvalho foi sobretudo um Mestre de pensar e um modelo de cidadania de muitas gerações de estudantes (entre as quais se conta a minha), pela presença assídua em todas as sessões culturais da academia de Coimbra (a animar colóquios, a proferir conferências, a dizer poesia, a apresentar filmes e peças de teatro), pela riqueza estimulante que marcava as tertúlias que animou, nos cafés, nas repúblicas de Coimbra, em sua casa ou em casa de amigos, pelo exemplo que nos deu de coragem pessoal e de coerência política.

A Pide prendeu-o, em Dezembro de 1961, sob a acusação de “influência deletéria junto da academia de Coimbra”, tendo sido libertado em Fevereiro de 1962 por falta de provas. Pois eu posso garantir que são abundantes e inapagáveis as provas da sua influência junto da academia de Coimbra. Revoltámo-nos contra a sua prisão e alegrámo-nos com a sua libertação, porque a Pide, como sempre, não tinha razão: todos nós apreciámos e todos nós lhe agradecemos a influência que exerceu, como nenhum outro Professor do meu tempo de estudante e de professor, sobre a academia de Coimbra. Bem haja por isso, Mestre!

A acção de Orlando de Carvalho como resistente anti-fascista tornou-se pública em 1949, durante a campanha eleitoral em que se apresentou, como candidato da Oposição Democrática, o General Norton de Matos.

Em 1958 assinou, com outros católicos, um manifesto em que se denunciou a ilegitimidade do regime salazarista e o desrespeito pelos direitos humanos, o que lhe valeu um processo no Tribunal Plenário de Lisboa, que não chegou a ser julgado em virtude da amnistia decretada por ocasião do centenário do Infante D. Henrique.

Depois da prisão já referida em 1961 (como membro da comissão distrital de Coimbra da Oposição Democrática às eleições legislativas desse ano), foi de novo preso em Agosto de 1962, acusado de pertencer às Juntas de Acção Patriótica. Preso em Caxias e no Aljube, foi libertado em fins de Setembro, por falta de provas.

Em 1969, teve participação activa no 2.º Congresso da Oposição Democrática e foi candidato por esta Oposição, no Círculo de Coimbra, nas eleições legislativas desse ano.

A Revolução do 25 de Abril veio pôr termo a um processo movido pela Pide contra a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, de que Orlando de Carvalho era membro.

Depois da Revolução, foi, durante algum tempo, membro da Comissão Nacional do MDP-CDE, formação de que se afastou em 1975.

A partir de então a sua actividade política directa foi diminuindo, resumindo-se à sua participação na Assembleia Municipal de Baião (seu concelho natal), eleito como independente nas listas da APU (1976-1980).

Mas a sua acção cívica continuou, nomeadamente como membro do Conselho Português para a Paz e a Cooperação e como membro do Conselho Mundial da Paz e na luta contra o *apartheid*.

Avesso a academias, orgulhava-se de ter sido dirigente do *Clube de Cinema de*

Coimbra, de ser sócio e activista do *Ateneu de Coimbra*, de ser sócio da *Associação 25 de Abril*, de ter sido membro do *Tribunal Cívico Humberto Delgado* (1976) e do *Tribunal da Reforma Agrária* (1979).

Agora que a sua vida chegou ao fim, creio que posso dizer aqui, em nome dele e com versos que são dele, que cumpriu o seu destino: “Ficar na confluência dos enganos, / Ouvindo a voz do vento, que me veste, / De pé, anos e anos...”.

É esta a memória que queremos guardar de si, Senhor Doutor Orlando de Carvalho: a de um homem que, por entre ventos e marés, se manteve de pé, anos e anos...

Orlando de Carvalho teve a consciência profunda de que - mais uma vez me sirvo de versos seus - “a humanidade sofre, a humanidade ordena, a humanidade exige do poeta / Que saiba cumprir a Vida”.

E nós sabemos que o senhor soube honrar os seus compromissos de poeta comprometido e de cidadão militante pelas causas do Homem e pela dignidade de todos os homens. O senhor teve a felicidade de saber cumprir a vida.

Semeador de futuro, ele próprio escreveu em outro poema: “Odeio esta gratuita primavera, / Odeio todo o tempo que não dá / o fruto que se espera”.

Continuando a glosar versos seus, direi que “neste país extenuado e exposto / exíguo exílio de si mesmo (...)”, Orlando de Carvalho lutou corajosamente pela liberdade e pela democracia, sofreu a má sorte do seu “(...) país do silêncio nas colinas / e dos corvos ocultos nas cornijas / à espreita das rosas clandestinas”, cantou este “país dos baldios e da esperança adiada”, amou este “rude país indómito e fraterno”, o País que, por iniciativa do Presidente da República Jorge Sampaio, seu amigo, o agraciou, com inteira justiça, com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

É tempo de terminar, porque as minhas palavras, por mais tempo que eu falasse, nunca seriam capazes de dizer tudo o que gostaria de dizer nesta hora.

Espero que se confirme a sua fé em uma outra vida para além desta. Lá, terá a alegria de encontrar o seu pai e todos os que amou e já partiram. E terá a suprema ventura de encontrar a sua mãe, que tinha estrelas no seu sorriso, “(...) estrelas / Tão brilhantes, tão claras, / Como devia ser a luz do paraíso”.

Até sempre, Doutor Orlando de Carvalho. Os que tivemos o privilégio de ser seus alunos, seus colegas e seus amigos recordá-lo-emos, enquanto formos vivos, comovidamente e com uma imensa saudade.